

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

Daniela Moreira de Carvalho
Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: dmcoop2001@yahoo.com.br

RESUMO

O Desenvolvimento Local ganha espaço dentro das análises por propor um desenvolvimento mais adequado às diferenças culturais, econômicas, políticas e sociais de cada região, ou seja, considerando as peculiaridades locais. No meio rural brasileiro, o agronegócio desponta como um dos mais eficientes e competitivos do mundo, entretanto há também a pobreza rural como uma das maiores mazelas da sua sociedade. E nessa realidade, a pecuária leiteira é uma atividade importante, social e economicamente, por abranger uma grande parcela de médios e pequenos produtores. Dentro desse contexto, o objetivo do trabalho foi analisar e desvendar o papel da Associação de Produtores de Leite de Águas Belas como agente, ou não, de desenvolvimento local de acordo com a ótica dos atores envolvidos. A metodologia utilizada foi estudo de caso, utilizando observação, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais. O estudo evidencia que a Associação cumpre uma série de indicadores de desenvolvimento, geração de emprego e renda, acesso a crédito rural, acesso a novas tecnologias e parcerias institucionais importantes que demonstram um papel fundamental no desenvolvimento local. Entretanto, a abrangência da associação ainda é muito limitada aos associados e a sustentabilidade social é frágil (incidência de participação objetiva e baixa participação subjetiva).

Palavras chaves: Associativismo, Desenvolvimento Local, Pecuária Leiteira e Atores locais.

ABSTRACT

The Local Development conquers space inside the development analyses while proposing a more calibrated development with cultural, economic, political and social differences in each region. The agribusiness unfolds in the rural Brazilian environment like one of the most efficient and competitive in the world, but the rural poverty also blunts like one of the larger social blemishes and, under this reality, the cattle breeding milky is an important social and economical activity for embracing a small producers big bit. Inside this context, the work goal was to analyze and unveil the Milk Producers Association of Águas Belas role like a local development agent in the involved actors optics. The applied methodology was the study of the case, comprehending some observation, semi-structured interviews and informal conversations. The study evidences that the Association accomplishes several development indicators, job and income generation, access to rural credit, access to new technologies, important institutional partnerships, which demonstrate a fundamental role in the local development. However, the association inclusion is still very limited to the

associates and the social sustainability is fragile (objective participation and low subjective participation incidence).

Keywords: Associativeness, Local Development, Cattle Breeding Milky and local Actors.

1 INTRODUÇÃO

A realidade da pecuária leiteira no Nordeste está diretamente relacionada à realidade da produção familiar, já que a maior parte da produção leiteira da região, e particularmente de Pernambuco, é realizada com base no controle e participação no trabalho dos membros da família. De acordo com Pronaf (2005), a agricultura familiar pernambucana representa mais de 83% dos estabelecimentos rurais do Estado, fortemente concentrada nas mesorregiões do Sertão e Agreste, sendo, também, a principal fonte de emprego rural.

A produção do Estado de Pernambuco esteve em decadência por vários anos, isto ocorreu devido a diversas dificuldades encontradas na cadeia produtiva do leite, na produção agrícola, especialmente a de cunho familiar (CERQUEIRA, 1998). Uma delas é a dificuldade do pequeno produtor em se manter num setor de baixa rentabilidade que exige uma adequação técnico-produtiva com alto custo (GOMES et al, 2001; VILELA et al, 1999). É necessário que os produtores, principalmente os pequenos, consigam modernizar seu processo produtivo e sua forma administrativa para se manterem num setor tão competitivo como o setor lácteo.

Para essa adequação, a alternativa mais coerente encontrada, e já utilizada no Nordeste e em outros Estados do país como Minas Gerais¹, São Paulo, Estados do Sul etc, é o associativismo. Enquanto um produtor sozinho não tem condições de comprar determinado equipamento ou solucionar algum problema, um grupo de produtores terá essa possibilidade. Pois facilitaria a negociação na compra de insumos, a reivindicação de auxílios junto a instituições do setor, além de inúmeras outras ações que podem ser facilitadas pelo princípio da cooperação. Isso já é bem conhecido por todos, contudo, na prática, toda essa facilidade desenhada pela teoria não se realiza necessariamente e, por vezes, nem mesmo estimula os produtores a procurar se organizarem associativamente.

O presente trabalho tem como objetivo verificar, dentro da perspectiva do desenvolvimento local, qual o papel da Associação dos Criadores e Produtores de Leite de Águas Belas para o desenvolvimento municipal. Para isso, usou-se a análise interpretativa das entrevistas realizadas com os atores sociais envolvidos.

¹ Ver FONSECA (2000).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Agronegócio do leite no Brasil e no mundo

O leite é considerado um dos alimentos mais ricos em nutrientes em razão de sua composição de proteínas, vitaminas e sais minerais. O Brasil é um dos maiores produtores de leite do mundo, estando em sexto lugar no ranking mundial, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, Índia, Rússia, Alemanha e França.

Em relação ao comércio exterior de leite, é incontestável a melhoria do Brasil, de importador na ordem de US\$ 500 milhões em 2003, passou a exportador, em 2004, de um total de US\$ 50 milhões (Veiga, 2005).

Apesar da boa colocação do país se tratando de produção de leite, quando se observa a produtividade do rebanho brasileiro, há uma grande queda na sua classificação, pois a produção leite/vaca/dia do rebanho brasileiro é baixa, ficando na 15ª colocação, atrás de países como Argentina e México.

O mercado informal de leite tem diminuído continuamente, e a tendência é que ele chegue a patamares muito baixos e até se extinga. Atualmente a Instrução Normativa Nº 51, do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA) – SDA/MAPA (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento), publicada em 18 de setembro de 2002, determina novas condições de produção do leite fluido, eliminando a recepção do leite à temperatura ambiente. Além disso, institui como única forma de captação, o leite resfriado a temperatura de até 7°C, exigindo a utilização de tanques de expansão e coleta granelizada, devendo ter sido implantados nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, no máximo até julho de 2005, e nas demais regiões, inclusive a Nordeste, até julho de 2007.

Essas medidas são importantes para a melhoria da qualidade do leite e para melhor aceitação do mesmo em todos os mercados, inclusive os mais exigentes. No entanto, analisando-se sob o aspecto social, é uma norma de difícil adequação, pois requer investimentos de alto valor, mão de obra qualificada, informações frequentes, propriedades com energia elétrica etc, o que não condiz, muitas vezes, com a realidade dos produtores de leite.

2.2 Agronegócio do leite no nordeste e em Pernambuco

O Nordeste, apesar da pequena expressão no cenário nacional, tanto em volume de leite produzido, quanto aos níveis de produtividade resultantes de limitações climáticas e estruturais (90% das propriedades possuem áreas inferiores a 100 ha), agravada pelo baixo

uso de tecnologias; o agronegócio regional do leite, muito mais que seu peso econômico, no que se refere ao abastecimento, assume papel social de extrema relevância, constituindo-se, com frequência, na única perspectiva de sustentabilidade e de inserção no mercado para milhares de pequenas propriedades de base familiar disseminadas pelo espaço semi-árido nordestino. A irregularidade, no tempo e no espaço, do regime pluviométrico dessa região, somada à excessiva fragmentação fundiária, aos limitados recursos naturais e de capital, reflete-se no baixo e oscilante desempenho da produção (EMBRAPA, 2004).

A atuação do Governo na área da bacia leiteira de Pernambuco foi caracterizada pela ação da CILPE² que por 33 anos (1961 – 1994) comprava a maior parte da produção de leite do Estado. Apesar da sua ação intensa no setor lácteo do Estado, o Governo do Estado optou pela sua privatização que ocorreu no início de 1994, devido ao fato de a empresa ter se tornado obsoleta, não ter conseguido modernizar sua estratégia frente à modernização e às exigências do mercado, somando-se a não arrecadação de impostos por parte do governo, os prejuízos acumulados e a política de afastamento do Estado do setor lácteo.

Com relação à produção leiteira de Pernambuco, ilustrada pela figura 1, há grandes oscilações na produção, valendo ressaltar que a produção foi intensamente afetada pela seca dos anos de 1992 e 1993, especialmente o ano de 1993, que foi classificado pelos órgãos técnicos como o de maior seca registrada no século. Como consequência, nos anos seguintes, ocorreram sérios problemas como a drástica redução na produção de leite, elevada mortalidade no rebanho, redução da taxa de natalidade, enfraquecimento do rebanho atual (fome, desnutrição, doenças etc), transferência de animais para outras regiões e produtores altamente descapitalizados para realizar qualquer investimento nas propriedades (SEBRAE, 1996).

No ano de 1996, houve um aumento considerável na produção de leite em vários Estados brasileiros. O SEBRAE (2002) conclui que a partir de 1995 “o expressivo crescimento da produção pode ser atribuído, em grande parte, à resposta favorável dos produtores brasileiros ao aumento da demanda no mercado, especialmente após o Plano Real, com preços mais estáveis” (p.25). Detectou-se, entretanto, uma grande redução no volume de

² CILPE - Companhia de Industrialização do Leite de Pernambuco, era uma empresa estatal.

leite produzido nos anos seguintes, devido à outra seca ocorrida nos anos de 1997-1999.

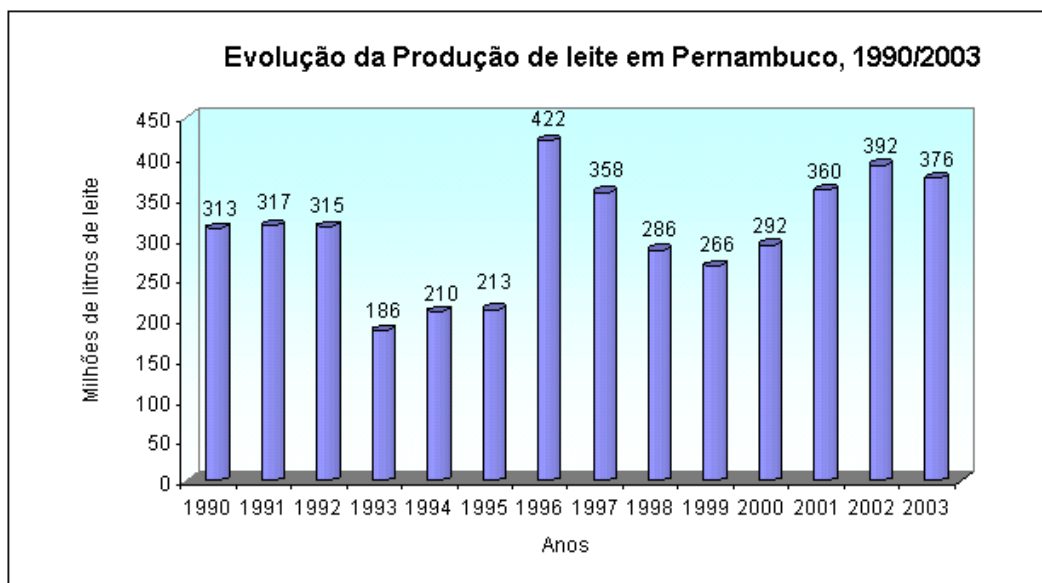


Figura 1 – Evolução da produção de leite em Pernambuco, 1990/2003

Fonte: IBGE – Pesquisa da Pecuária Municipal.

Elaboração: R. ZOCCAL Embrapa Gado de Leite.

De acordo com o SEBRAE (1996), o quadro geral do leite naquele momento caracterizava-se por preços defasados, aumento de importações e crescimento do leite longa vida, prejudicando as regiões com produtividade mais baixa como a Região Nordeste.

Gomes et al (2001) corroboram o que Vilela diz afirmando que “o cenário que se visualiza para a cadeia do leite é de crescimento, modernização e exclusão, seguindo a tendência que vem ocorrendo”³ desde a década de 90. O autor ressalta ainda que as variáveis econômicas, política, social e tecnológica influirão na intensidade da abrangência desse processo de crescimento, modernização e exclusão do setor leiteiro.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Desenvolvimento local e atores locais

3.1.1 Desenvolvimento local

Por muito tempo, a análise do desenvolvimento centrou-se apenas em fatores econômicos, desconsiderando a amplitude de uma realidade tão complexa. Quando, por exemplo, ao falar de desenvolvimento remetia-se apenas ao crescimento econômico, aumento

⁸Essa visão é partilhada por diversos autores do setor, tais como: GOMES (2001), VILELA e BRESSAN (1999), FONSECA (2000), SILVA (2001), ALEIXO, SILVA & SOUZA (2003) dentre outros.

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

de produtividade, aumento da produção, ou seja, uma análise restrita a fatores econômicos. O PIB é um indicador importante de crescimento econômico, mas não o único de desenvolvimento, portanto é necessário incorporar informações, outros índices, componentes, incluir também aspectos como educação, saúde, liberdade política e econômica, aspectos ambientais, de combate à pobreza, construção da cidadania, dentre outros que permitam dar uma gama maior de dados e levem a obter informações mais concretas e embasadas, uma realidade que é muito mais complexa que simples aspectos econômico – financeiros.

Outro problema é o das análises serem feitas normalmente em dimensões gerais, em que médias são às vezes distorcidas, pois podem ser elevadas pelo poder aquisitivo de uma pequena minoria, por vezes, omitindo análises locais, municipais, que retratam de maneira mais fiel a realidade. O que seria interessante é intercalar análises gerais e específicas de maneira que elas se complementem.

Quanto ao escopo, torna-se cada vez mais claro que as abordagens centradas no nível de abrangência territorial das grandes regiões — Norte, Nordeste, Centro - Oeste, Sudeste e Sul — devem ser substituídas por iniciativas de abrangência sub-regional ou local, que possam ser melhor calibradas com base em diagnósticos mais precisos da situação e das potencialidades dessas áreas menores, cuja problemática tende a ser mais homogênea. (BANDEIRA 1999, p.8).

O desenvolvimento local está dentro dessa visão sistêmica do desenvolvimento podendo ser definido como:

Um processo *endógeno* registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o *dinamismo econômico* e a *melhoria da qualidade de vida* da população. Representa uma singular transformação nas bases econômicas e na organização social em nível local, resultante da mobilização das energias da sociedade explorando suas capacidades e potencialidades específicas. (BUARQUE, grifo do autor, 1998, p. 9-10).

É aquele desenvolvimento específico, dentro de uma determinada região, o que não quer dizer que ele esteja dissociado de um desenvolvimento global, pelo contrário, atualmente, com a sociedade da informação e globalização, as interações se fazem ainda maiores (FROEHLICH, 2006). As discussões atuais têm percebido a importância de uma visão holística dentro de análises sociais, pois o homem, a sociedade e a natureza co-existem dentro de uma teia de inter-relações⁴ que não podem ser omitidas, mas sim consideradas e valorizadas.

É parca a literatura que dá atenção para os agentes locais, e não necessariamente agentes governamentais, nos estudos de desenvolvimento local. Nesse sentido o foco do desenvolvimento em torno das ações governamentais verifica muitas vezes apenas a ação do Estado quanto às necessidades locais. Como a realidade de muitos dos municípios nordestinos

⁴A esse respeito ver: BOFF (2001); CAPRA (1997).
REAd – Edição 54 Vol 12 Nº 6 nov-dez

é atroz em termos de desenvolvimento é difícil vislumbrar a possibilidade de mudança sem a intervenção externa⁵, portanto o Estado realmente tem papel crucial nessa mudança, mas ele não é o único agente capaz de transformar as realidades locais. É preciso voltar à atenção a outros atores locais que são propulsores ou potenciais propulsores de transformação econômico-político-social.

Nessa linha de pensamento, uma nova abordagem tem sido muito utilizada é a do Capital Social, um conceito que credita à sociedade, e, às relações sociais nela existentes, o papel de ser o maior ativo propulsor do desenvolvimento. Definindo Capital Social como as relações de confiança, reciprocidade, participação, democracia, cooperação e redes de interação social que facilitam as ações coordenadas (PUTNAM, 1996). Ou ainda, de acordo com estudos recentes analisados por Bandeira (1999) capital social é:

Composto por um conjunto de fatores de natureza cultural que aumenta a propensão dos atores sociais para a colaboração e para empreender ações coletivas — constitui-se em importante fator explicativo das diferenças regionais quanto ao nível de desenvolvimento (p.10).

Na verdade ainda não há consenso na literatura quanto à exatidão do conceito e das variáveis observadas na definição de capital social. Um trabalho que explora bem esse aspecto é o de Milani (2004) com algumas das diferentes definições clássicas sobre o capital social existentes na literatura.

De acordo com essa teoria, as comunidades que têm alto grau de capital social têm mais chances e potencial de prover o desenvolvimento. Essa perspectiva é mais uma tentativa de focar cada realidade em suas especificidades, suas características próprias, mas essencialmente as características culturais, políticas, institucionais e sociais.

Nesse contexto algum ator social deverá criar um mecanismo de ruptura dessa estagnação. Espera-se, a princípio, que isso seja papel do Estado, mas como já foi dito anteriormente, com um Estado inoperante, outros agentes econômicos (empresas, associações, bancos etc), outras instituições (igrejas, congregações etc), Ongs, podem assumir o papel de rompimento do ciclo da pobreza. Passando ao ciclo do desenvolvimento, onde a ação de um ator social gere estímulos a outros investimentos e ações desenvolvimentistas.

É preciso ressaltar, contudo, que a idéia não é de pregar um dualismo no desenvolvimento: Governo X Sociedade Civil, mas sim que a iniciativa, o arranque propulsor do desenvolvimento pode partir de qualquer um dos lados (e não apenas do Estado) e a partir desse início criar parcerias para prover um desenvolvimento local mais sólido. Por isso é

⁵ Seja estatal, ou, como tem ocorrido muito atualmente, através de Organizações Não Governamentais - ONGs que têm tomado para si, através da sociedade civil organizada, responsabilidades que seriam do Estado.

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

preciso dar a devida importância aos atores locais como responsáveis, interessados, e potenciais condutores do desenvolvimento local.

Em casos de grandes potencialidades naturais ou na quase total restrição das mesmas, a potencialidade básica de qualquer local, região ou país está assentada em sua população, ou mais amplamente, em seu ambiente: a interação dessa gente por meio da cultura, com o território e suas relações externas. Essa é a alavanca principal de desenvolvimento e que requer grandes esforços de fomento e promoção. (CASAROTTO & PIRES, 2001, p.107).

Além de ser necessário instituir formas de articulação desses atores, considerando-os representantes (legítimos) da população como um todo. Esse nível de desenvolvimento também requer uma grande dosagem de cooperação entre os diversos empresários e entidades representativas do setor em questão (CARVALHO, 2000).

3.1.2 Atores locais

Os atores sociais relevantes são aqueles agentes sociais de determinado município e/ou localidade com poder de mobilização local, de intervenção no direcionamento do município. Dentre os atores relevantes observaremos também os *stakeholders* da Associação dos Criadores e Produtores de Leite de Águas Belas.

Os atores locais são extremamente importantes para promoção do desenvolvimento, pois cada um tem uma função dentro desse processo complexo que é o desenvolvimento, seja no sentido social, seja econômico, ambiental ou ainda de articulação entre todas essas vertentes. Quando esses atores partilham de uma sintonia de ações, através de parcerias ou ainda construção de redes, o que se observa é uma maior força, maior poder de barganha e maior sustentabilidade das ações desprendidas em conjunto do que a ação isolada de cada ator social. Nesse sentido Jara (1998) afirma que:

Para organizar o processo de planejamento municipal sustentável é necessário *identificar e articular os atores sociais*. Esses atores são formados pelos grupos que intervêm ativa ou passivamente na vida social, econômica e política municipal. Abrange as comunidades e associações, organismos públicos, sindicatos, partidos políticos, cooperativas, empreendimentos dos grupos de poder econômico, ONG's, os grupos de base das Igrejas e em geral, todos os agentes que sejam afetados em seus interesses e qualidade de vida, pelos efeitos dos processos locais de desenvolvimento. (p.97)

Considerando a associação como um ator social relevante, e, sua necessidade de estar bem relacionado e articulado com outros atores, procurar-se-á buscar junto aos 'pares', ou seja, aos outros atores sociais relevantes, observar a percepção dos mesmos quanto à atuação e o papel da associação no processo de desenvolvimento no município de Águas Belas.

3.2 Associativismo e Cooperativismo

A associação, como instituição contemporânea, é uma organização com características eminentemente sociais, que funciona democraticamente, sem fins lucrativos, com objetivo de representar e defender os interesses dos associados, estimular a melhoria técnica, profissional e social dos mesmos, com compromisso educativo, social e econômico. Pode constituir patrimônio comum, prestar qualquer tipo de serviço (leia-se sempre serviços lícitos) ao associado, captar recursos de programas especiais ou auxílios, doações, subvenções de entidades, públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras.

Verifica-se então uma proposta que é ajustada às necessidades principalmente dos pequenos produtores de leite, para o adequamento às novas exigências de qualidade. O que se pretende analisar é se na prática a associação cumpre esses preceitos, se o público envolvido vê a associação como um instrumento de desenvolvimento.

A ação associativa não se faz com a fachada de um local escrito Associação/Cooperativa... ou, no registro de uma ata de constituição acordada em uma reunião apenas, ou tantas outras maneiras de se intitular o associativismo e só por isso já se pressupor ações coletivas pautadas nos princípios da cooperação.

A cooperação é algo simples e ao mesmo tempo complexo, e nesse paradoxo muitas experiências de organizações de cunho cooperativo cometeram grandes erros, estimulando a formação da organização associativa (enquanto estrutura física e jurídica), sem a formação do espírito associativista. Dessa forma muitas ‘associações sem alma, ou sem espírito’ surgiram e por isso não progrediram.

Pode-se dizer que a associação, voltada para o segmento de produção, é um estágio embrionário de uma cooperativa, por partir de pressupostos comuns – a cooperação – e conseqüentemente com objetivos fins também partilhados – melhoria das condições de vida do homem através da valorização do trabalho em detrimento do capital – a diferença é a atuação mais complexa da cooperativa em relação à associação, tanto no que tange a questões jurídicas, quanto aos aspectos de processos administrativos/ industriais. No caso da associação de Águas Belas, que tem pretensões futuras de processar o leite, dentro da sua estrutura organizacional atual, provavelmente, ela se tornará uma cooperativa. Em função disso versar-se-á um pouco acerca do histórico, dos fundamentos e do cenário do cooperativismo para compreender melhor o papel da associação para a comunidade.

O papel de agente de desenvolvimento é intrínseco às organizações associativas. Mas estas muitas vezes sozinhas, desprovidas de aparato institucional, ou mesmo de um envolvimento efetivo de seus associados pode não contribuir concretamente para o

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

desenvolvimento local. O inverso também se verifica, sem o envolvimento das associações e cooperativas locais em processos de desenvolvimento propostos por outras instituições, haverá também dificuldade para a realização de um desenvolvimento concreto.

O desenvolvimento local apresenta uma abordagem integral e integradora das dimensões econômicas, sociais, políticas e técnicas. Fica cada vez mais claro o fato de que o desenvolvimento não é apenas um fenômeno econômico. Trata-se de uma mudança de cultura e de relacionamentos sociais e institucionais. No presente, quando falamos de economias de mercado, abertas e descentralizadas, é preciso trabalhar a articulação e o envolvimento de todos os segmentos ou atores sociais na formulação e implementação de um projeto coletivo de desenvolvimento. Em outras palavras, não é a cooperativa ou a associação isolada que vai atingir condições de competitividade, elas devem ser criadas pelo município como um todo (JARA, 1998, p.72-73).

No Nordeste o marco histórico do cooperativismo ocorre no setor de consumo, por ser a Cooperativa de Consumo dos Operários da Fábrica de Tecidos de Camaragibe – Pernambuco, uma das primeiras experiências cooperativistas no Brasil. Porém, foi no setor agrícola que o cooperativismo mais se expandiu, estando à região Nordeste em 2001, de acordo com os dados da OCB – Organização das Cooperativas do Brasil – com mais de 30% das cooperativas agropecuárias do país (PIRES, 2004).

Entretanto a história do cooperativismo nordestino, bem como todo desenvolvimento agrícola e agrário da região foi permeado de contrastes. As organizações associativistas e cooperativistas reproduziram o modelo concentrador e excludente, baseado na estrutura Latifundiária X minifundista (PIRES, 2004; ARAÚJO, 1997; GARCIA, 1997; RIOS, 1979; RIOS, 1989). Dentro desse contexto, muitas cooperativas surgiram claramente estratificadas, representando os interesses das classes dominantes, e mantendo, se não ampliando as desigualdades sociais. Assim, o cooperativismo na região se firmou por muito tempo muito mais como um mantedor da “ordem” que um instrumento de mudança social (RIOS, 1979, RIOS, 1989).

De acordo com SEBRAE & SESCOOP (2004), em Pernambuco, devido a sua estrutura agrária de latifúndio da cana-de-açúcar e da consonância com todo o Nordeste do poder político nas oligarquias locais, o cooperativismo agropecuário demonstra pouca expressividade.

O associativismo (incluindo cooperativas, associações formais e informais) é um mecanismo de difícil implementação, pois requer certa coesão cultural, predisposições, iniciativas locais (dos próprios produtores), dentre outros requisitos. Muitas vezes esses produtores já criaram uma aversão a esses mecanismos, pois foram vítimas de experiências que não deram certo, ou mesmo por aversão a qualquer tipo de mudança, por falta de

confiança, falta de uma cultura da cooperação etc. Por isso o associativismo não deve ser visto de maneira simplista e ingênua como a resolução de todos os problemas rurais, mas como um desafio na transformação social.

É preciso ponderar seus benefícios e suas dificuldades, considerando que as associações ou cooperativas, quando impostas de cima para baixo, sem que haja um trabalho de mobilização social, têm grandes chances de não darem certo. Quando essas organizações são construídas coletivamente, pela própria comunidade, elas podem trazer inúmeros benefícios.

4 COLETA DE DADOS

4.1 Descrição da associação

Atualmente a Associação é formada por aproximadamente 750 associados dentre eles 460 produtores de leite, porque a associação também atende aos criadores de animais, ou seja, abrange produtores rurais que trabalham com pecuária nos municípios de Águas Belas, Iati, Itaíba, Tupanatinga, Buíque e Pedra, com propriedades que variam de 3 a 300 ha, o que dá uma média de 50 ha/produtor, com um número médio de 14 animais, que detêm uma produção média de 7,0 Kg/vaca/dia.

Os municípios abrangidos pela associação têm a economia predominantemente agrícola, todos com mais de 60% das pessoas economicamente ocupadas em atividades agropecuárias. É sabido que:

Os pequenos produtores rurais característicos do Agreste do Estado de Pernambuco são bastante dispersos e não dispõem de tecnologia moderna para a exploração mais racional, principalmente no que se refere à diminuição dos custos de produção (SILVA, 2001, p.18).

De acordo com o Atlas de Desenvolvimento do PNUD, os municípios abrangidos pela associação estão em situação ruim em relação aos outros municípios do Brasil, estando entre os 16% de municípios com pior IDH do país. Esse dado reflete: baixos índices de alfabetizados, altos índices de mortalidade infantil, baixa renda *per capita*, alto índice de gini, dentre outros aspectos que caracterizam pobreza e subdesenvolvimento.

A proposta da Associação é uma organização baseada em núcleos produtivos. Que são orientados pela Associação quanto a captação, resfriamento e comercialização dos núcleos. Os grupos que formam os núcleos procuraram ser criados a partir de uma aproximação baseada em relações de parentesco, afinidades, proximidades geográficas, de forma a se tornarem núcleos socialmente sólidos para facilitar o escoamento da produção que é orquestrada pela Associação.

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

Com o acesso aos tanques, através dos núcleos, há uma grande melhoria na qualidade do produto. O tanque de granelização é muito caro e, aos pequenos produtores não resta outra saída senão associar-se para se manterem na pecuária leiteira. Atualmente mais de 90% dos associados têm acesso ao tanque de expansão, seja por concessão através de parcerias ou da compra com financiamento pago com retiradas pequenas na folha do leite.

Os núcleos são em tamanhos, volume de leite e distâncias diferentes, mas todos estão fortemente ligados pelo vínculo com a associação, é ela que viabiliza todo o procedimento de comercialização do leite de cada núcleo, os quais têm uma organização própria para manter a organização do tanque de expansão, e a qualidade do leite, para isso é contratado um funcionário que cuida do recebimento do leite e da limpeza do tanque. Em geral, esse funcionário é morador da comunidade e jovem, promovendo então uma geração de emprego no campo.

Para o pagamento do tanque de granelização, que deve existir em cada núcleo, são retirados 0,02 centavos e para o pagamento dos gastos administrativos é retirado 0,005 centavo por litro de leite. O pagamento do tanque, ou seja, os 0,02 centavos retirados servem para pagar todas as despesas do resfriador, a prestação do pagamento pelo tanque, a limpeza, a energia, e o empregado que é a pessoa que vigia, recebe o leite e faz a limpeza. Na época da entre-safra, nem todos os núcleos conseguem se financiar, então é preciso que passe o pagamento do tanque às vezes para 0,025 a 0,03 centavos, essa mudança é feita em concordância com os associados.

O pagamento do leite é feito quinzenalmente, em janeiro de 2006 a associação pagava em média 0,47 centavos/litro de leite, alguns intermediários chegavam a pagar 0,38 centavos. Apesar disso a análise comparativa entre o preço do leite pago pela concorrência e o preço do leite pago pela associação deve ser feita com ressalvas, pois a associação passou a balizar preços, obrigando a concorrência a melhorar os preços na região e diminuindo assim a amplitude dos preços, mas ainda mantendo um preço melhor.

A estrutura organizacional da Associação é muito simples, contando com apenas três funcionários próprios da associação e um cedido, temporariamente, pela prefeitura. A estrutura é feita de maneira que a Associação seja um tanto quanto “virtual”, porque por ela na verdade não passa leite não há o processamento do produto, ela não tem nenhum contato direto com o produto, ela só tem o papel de articuladora, promotora do escoamento da produção dos associados fazendo com que o produto vá direto ao processador (a

agroindústria), eliminado nessa cadeia o papel do intermediário. Há pretensões futuras da construção de uma queijaria.

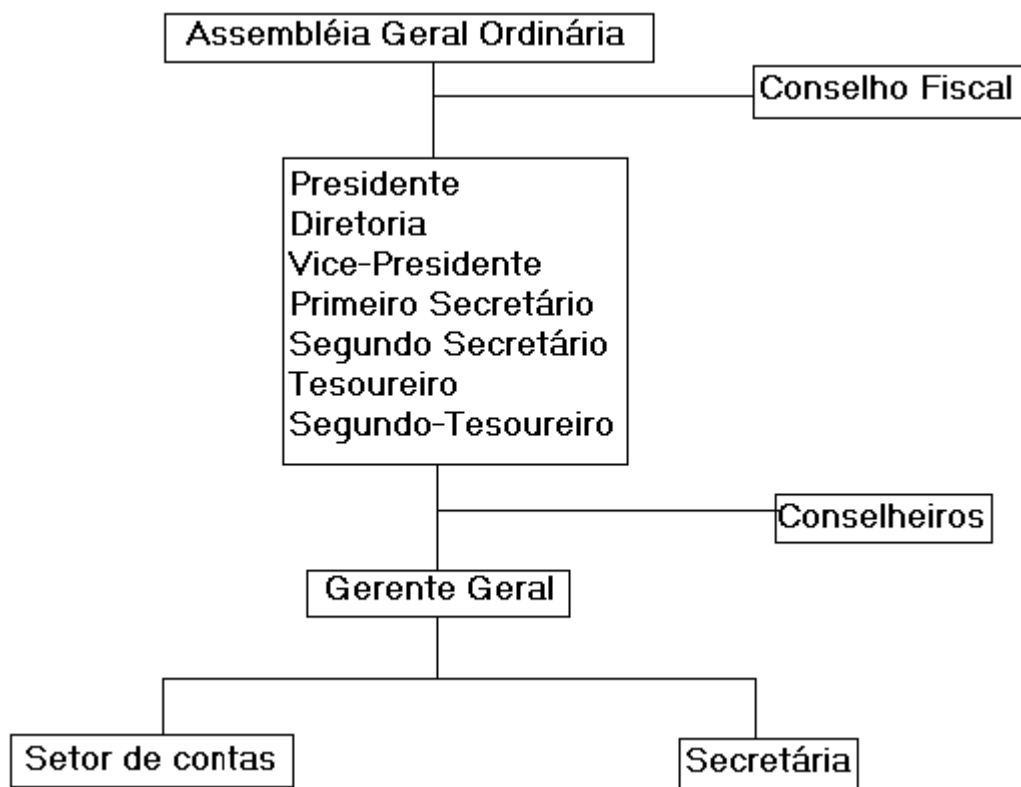


Figura 2 - Organograma da Associação dos Produtores de Leite de Águas Belas/Pe.

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora.

A diretoria é composta por seis membros, sendo: presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretários, tesoureiro e segundo tesoureiro. A Associação é composta também por um conselho fiscal com nove membros e por conselheiros (sem número determinado) convidados pela diretoria. O organograma representado na figura 2 foi elaborado de acordo com as observações feitas.

5 METODOLOGIA

A percepção sobre qual é o ‘papel’ desempenhado pela associação no processo de desenvolvimento será empregada numa perspectiva interpretativa, ou seja, que considera a interpretação de outros (dos atores sociais). Ela parte do ponto de vista do ator e não apenas do observador, deixando de se empregar exclusivamente como método hipotético-dedutivo que surge de uma hipótese inicial, em que o pesquisador parte do conhecimento teórico existente e especula sobre o que poderia ser passando assim, a ser uma análise interpretativa (ANDRADE, 2001).

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

Além dessa análise interpretativa, pretende-se conhecer de perto a atuação da associação através do método do estudo de caso, que é um instrumento que permite uma consideração de um grande número de variáveis, além de prover a possibilidade de exploração de novos processos ou comportamentos, ou de melhor entendimento de tais aspectos.

Desta forma procurar-se-á, através da pesquisa qualitativa, analisar a Associação dos Criadores e Produtores de Leite de Águas Belas com vistas a compreender como se deu e tem se dado essa proposta associativa dentro de uma realidade, em geral, precária e de uma sociedade de certa forma desarticulada e avessa a esse tipo de organização.

Como instrumento de análise será utilizada a entrevista semi-estruturada, que, para Triviños (1990) pode ser definida como:

Aquela que parte de certos questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferece amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses, que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira o informante, seguindo espontaneamente a linha do seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (p.116)

Foram realizadas visitas a Associação dos produtores de leite de Águas Belas, onde houve uma preocupação com a observação para o conhecimento e entendimento da dinâmica local, da relação entre funcionários e associados, bem como foram feitas visitas aos núcleos produtivos, para se verificar os procedimentos de captação de leite e serem feitas as entrevistas com os associados. Também foi realizada uma oficina com a técnica do Diagrama de Ven, para a determinação dos atores envolvidos. Essa dinâmica foi feita junto à diretoria da Associação, pois facilita a abertura e espontaneidade na determinação dos agentes importantes para a pesquisa.

6 INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO

Para a análise foram estabelecidos alguns indicadores de desenvolvimento, os quais foram listados no quadro abaixo. Considerando participação como uma forma de emancipação social ela foi observada enquanto participação objetiva e subjetiva, com o fim de diagnosticar melhor a realidade da participação vivenciada na associação pelos associados.

Estabelecendo a renda como outro importante indicador de desenvolvimento, este também foi cuidadosamente verificado. Outros dois critérios estabelecidos como indicadores de desenvolvimento foram a geração de empregos e as parcerias institucionais.

O quadro sistematiza os indicadores, bem como as formas de observação utilizadas para identificação dessas categorias de análise.

Quadro 1. Indicadores de Desenvolvimento Local.

INDICADORES	CRITÉRIOS DE OBSERVAÇÃO
Participação na associação: - participação objetiva e - participação subjetiva.	Participação nas assembléias; Fidelidade do associado; Participação nos núcleos comunitários
Aumento da renda do produtor e melhoria nas condições de vida	Diferença no preço do leite: associação/concorrência; Aumento da renda recebida pelo produtor na constituição da associação até hoje.
Número de empregos gerados e mantidos	Número de empregados contratados e nº de empregos gerados indiretamente (passíveis de contabilização).
Como captadora de recursos externos de ONGs, governos estadual e federal, órgãos internacionais etc. Ou de projetos comuns com contrapartidas e cooperação tecnológica.	Verificar se existe parcerias externas. Quantas, quais e em que sentido. Como funcionam, quais os benefícios gerados.

Fonte: elaborado pela autora.

A participação é um importante indicador de democracia, emancipação social e, portanto de desenvolvimento. De acordo com Bandeira (1999), a participação tem dois aspectos importantes, primeiro – o caráter de elemento essencial para o funcionamento da democracia; e segundo – seu importante papel instrumental, proveniente da viabilização dos processos de capacitação e aprendizado coletivo relevantes para a promoção do desenvolvimento.

Assim, participação efetiva promove a viabilidade social dos empreendimentos associativos, já que uma base social sólida, participativa, com relações de confiança, reciprocidade, tal como prega a teoria do capital social, geram desenvolvimento. Configurando-se num ambiente mais organizado, com troca de informações, capacitação, convergência objetiva e subjetiva de interesses, um maior comprometimento dos associados e conseqüentemente maiores resultados econômicos.

Diante dessa importância, procurou-se observar aspectos que denotassem que tipo de participação tem ocorrido na Associação, se subjetiva ou objetiva, e ainda, seus aspectos relevantes de acordo com a opinião dos dirigentes e dos próprios associados. Afinal, a Associação deve ser uma sociedade de pessoas, democraticamente gerida, que se reúnem para juntar esforços em torno de objetivos comuns.

7 RESULTADOS

Baseou-se na análise interpretativa dos atores sociais e de maneira a corroborar (ou não) com os indicadores de desenvolvimento estabelecidos *a priori*. Foram entrevistados 30 produtores associados, 3 produtores de leite não associados e visitadas 7 instituições que mantêm ou poderiam manter relação com a Associação, são elas: Prefeitura, Banco do Brasil, IPA⁶, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, SEBRAE, Projeto Renascer e Secretaria da Produção do Estado de Pernambuco.

7.1 Participação na associação

A maioria dos associados não possui consciência de que são responsáveis pela associação, que são seus donos, desconhecendo que a assembléia geral é o órgão de deliberação máxima de uma organização associativista. Isso é recorrente na literatura do cooperativismo e foi corroborado na Associação de Águas Belas devido ao baixo percentual de participação nas assembléias da Associação que fica em torno de 20%.

A participação objetiva é aquela em que há uma relação maior com aspectos pragmáticos, tais como idas às assembléias, realização de operações econômicas, ou transações operacionais (RIOS, 1979). No caso da Associação, apesar da baixa presença em assembléia, a participação objetiva existe, ou seja, os associados entregam o leite todos os dias à Associação através dos núcleos, até porque como essa é uma participação muito pragmática, é natural que ocorra, já que a entrega do leite é uma necessidade de subsistência. Já na participação subjetiva, que exige níveis maiores de coesão social e comprometimento, observou-se que existem problemas.

Um dos grandes problemas que se observa nesse sentido é a atitude de alguns associados de colocar água no leite para que aumente o volume e o assim, o valor recebido pelo leite. Esse fato remete à falta de comprometimento e envolvimento, por parte de alguns associados, com a organização.

Há uma espécie de afastamento, é como se o associado estivesse à parte da realização da associação, exercendo apenas o papel de fornecedor de leite e não de dono e responsável pelo sucesso ou insucesso da mesma. Essa realidade é típica da falta de convergência subjetiva de interesses, assim, enquanto um associado pensa da seguinte maneira:

⁶ IPA – Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária.

No meu pensamento eu queria que ela fosse uma grande indústria pra Águas Belas e pra região Nordeste, pra dizer olha, começou de baixo, como quem não queria nada e está do jeito que está, seria um grande prazer. (associado 16)

Outros já pensam, apenas, em benefícios individuais e de curto prazo, e não na contribuição para o fortalecimento da Associação. Para que a partir dela provesse uma melhoria na situação de todos e da sua sustentabilidade.

PRETENSÃO DE CONTINUAR NA ASSOCIAÇÃO DE ÁGUAS BELAS. É o seguinte, a gente procura sempre melhoras, então se tiver uma melhora a mais em outro local, a gente tem que procurar a melhora não é? (associado 23).

INTERESSE EM PERMANECER NA ASSOCIAÇÃO. Depende, se melhorar o preço do leite... SE VIER UM CONCORRENTE PRA COMPRAR SEU LEITE A UM PREÇO MELHOR. Se for por um preço melhor, vendo. Ninguém tem amizade com ninguém, nesse negócio de preço de leite! (associado 8)

Há associado que em função da sua experiência começa a perceber a importância da associação, já que se pressupõe que ela prime pela continuidade do trabalho com a comunidade. Entretanto essa mudança de visão precisa ser consolidada para que em momentos de crise o discurso se faça válido e se configure em ação para fortalecer a associação. Construir essa consciência acerca da importância da associação, como algo da região, da comunidade, que fortalece todo o município, que se compromete com os interesses locais e especialmente dos seus associados não é tarefa fácil.

As empresas mercantis se preocupam com o retorno financeiro, muitas vezes indiferente às necessidades locais, caso haja um mercado mais promissor em outra região, a empresa se desloca. Já a associação, diferentemente, não se desloca de região, pois todos os seus donos e seus interesses estão diretamente vinculados à comunidade. Esses aspectos, dentre outros, que constroem as peculiaridades da associação precisam ser difundidos através de trabalhos educativo-conscientizadores. Cursos, oficinas, trabalhos participativos que estimulem e promovam uma maior consciência da importância da associação da valorização e do comprometimento necessário de ser atribuído pelos associados.

A confirmação da permanência de boa parte dos associados na Associação ocorre num momento onde não há uma competição acirrada de outras empresas pagando um preço melhor pelo leite, é provável que num contexto mais competitivo haja perda de associados, especialmente os maiores produtores que são o alvo de interesse dos laticínios particulares e das multinacionais, pois pegar o leite dos maiores produtores é mais vantajoso, o custo de transporte é menor e compensa pelo volume de leite entregue e a qualidade do leite normalmente é melhor. Pode-se perceber claramente a existência apenas da participação objetiva na fala seguinte:

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

QUAL A DIFERENÇA DE ENTREGAR O LEITE PRA UMA EMPRESA E AQUI PRA ASSOCIAÇÃO. Não tem diferença não, é tudo igual, mas na associação é melhor porque o preço é melhor. (associado 14)

Um dos grandes gargalos da participação, na convergência subjetiva de interesses, dentre outros empecilhos, pode ser atribuído à falta de educação associativista, de informação e cultura da cooperação. Que são grandes entraves a uma participação plena e transformadora. Existe uma fidelidade, diga-se imediatista, de curto prazo, sem muita base para turbulências futuras.

Diante da realidade dos pequenos produtores rurais, o que pôde ser observado é que, em alguns casos, a baixa auto-estima, mais especificamente aquilo que Paulo Freire chama de cultura do silêncio, em que a falta de recursos e de instrução leva o indivíduo à visão fatalista da realidade, a uma passividade, à incredulidade quanto ao seu potencial transformador e por isso à inércia e à passividade. Os indivíduos não se vêem como agentes transformadores, capazes de modificar a realidade onde vivem, mas apenas de subsistir dentro desse contexto. A fala do associado demonstra essa realidade:

PARTICIPAÇÃO NAS ASSEMBLÉIAS. Participo, mas eu fico lá quieto só ouvindo. EXPÕE SUA OPINIÃO. Não é diferente do que eles estão falando, deixo os maiores falarem, porque eu sou bem miudinho (associado 5).

É imprescindível também reconhecer o papel de liderança desempenhado pelo presidente da associação, que é benquisto pela grande maioria dos associados, existe um alto grau de confiança, ele também é bem relacionado com as instituições parceiras que na totalidade reconhecem na figura do presidente o sucesso da organização. Entretanto é necessário analisar os dois lados como coloca Llorens:

Duas características essenciais de caráter extra-econômico para o desenvolvimento local seriam: uma liderança local capaz de mobilizar diferentes atores sociais para intermediar acima do âmbito local, e, uma estratégia de desenvolvimento elaborada sobre a base de cooperação dos próprios atores locais, sejam públicos ou privados (2001).

Não se pode esquecer do papel fundamental de todos os atores, especialmente dos associados, que como foi relatado anteriormente, assumem em grande parte papéis passivos e de pouco envolvimento subjetivo com a associação. É preciso preparar os associados a “andar com as próprias pernas”, porque apesar de o presidente ser bem intencionado, a dependência que se cria é prejudicial para um modelo de organização que tende à autogestão. Não deve haver centralização de poder, ou de tomada de decisão, pelo contrário, é preciso haver uma descentralização, pois a diretoria tem mandatos e não cargos, e na falta do presidente a

associação poderá perder uma referência (talvez a única mais forte) e poderá perder assim a sua sustentação.

Uma liderança muito forte pode inibir a participação de muitos, ou ainda, acomodar os associados, já que eles podem se sentir seguros a ponto de não terem interesse em se envolver com a gestão, ou a direção tomada pela associação, a segunda possibilidade parece mais de acordo com o observado na Associação dos Produtores de Águas Belas. Até porque existe uma confiança explicitada para com a direção da associação. A grande maioria assume que a direção é boa apesar da expectativa de melhora.

7.2 Renda e melhoria na condição de vida

Com relação à renda, Amartya Sen (2004), que é um dos grandes expoentes na análise do desenvolvimento atual, com uma visão que abrange aspectos sociais (tais como educação e saúde), que foram tratados anteriormente, sem desconsiderar a importância do dinheiro (renda) para o desenvolvimento no sentido de que ele dá liberdade de escolha aos indivíduos, considera o fator renda como uma alavanca de empoderamento já que ela permite certa autonomia, independência econômica no caso do produtor, que facilmente pode chegar a uma autonomia sócio-psicológica.

O que se observa é que quase a totalidade dos associados afirma ter melhorado de renda com a implantação da Associação, já que antes eles sofriam com os intermediários, que se configuravam como um mercado monopsônico, em que há apenas um comprador e este tem o poder de impor preço. Com a falta de informação (de qual seria o preço real do leite) e a falta de escolha pra quem vender, os produtores vendiam leite a preços muito baixos.

É interessante observar a fala e a percepção dos associados no que se refere à melhoria do preço do leite. Mais de 90% dos produtores afirmam enfaticamente que a renda deles, advinda da produção de leite, melhorou depois da implantação da Associação. Entretanto, muitos ainda consideram que ainda não está bom. Como se pode observar a seguir com relação às mudanças ocorridas após a implantação da Associação:

Mudou muito, melhorou, porque a gente vendia leite muito barato perdia uns 0,05 0,06 centavos em cada litro de leite, e hoje a gente está vendendo direto para a firma, mas sempre tem que melhorar se der um aumentozinho, porque também acho barato. (associado 20)

No caso a gente não pode reclamar porque foi para melhor não é? Hoje em dia a associação é que mantém o preço do leite a verdade é essa, quando era só o carreteiro e as firmas de leite pegando elas comandava o valor. A gente recebe o leite de 0,453, tem o desconto do leite, do resfriador que a gente paga então a gente recebeu 0,423, quer dizer, se hoje a gente ver os carreteiros pagando a 0,38; 0,36 quer dizer, desse lado a melhoria foi alta né. Então a renda melhorou. (associado 23)

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

Como se pôde confirmar nas falas citadas, a Associação pode ser considerada um agente econômico propulsor da melhoria das condições econômicas dos produtores rurais que transacionam diretamente com ela, e conseqüentemente da comunidade como um todo através de um maior giro de recursos e com um balizamento no preço do leite. Ou seja, os concorrentes procuram saber qual o preço que a Associação está pagando, para definir o seu preço. Caso haja a extinção da Associação, os carreteiros vão impor o preço que convier, e não o preço de mercado realmente.

É interessante ressaltar, que em se tratando de uma região pobre, como os municípios abrangidos pela Associação, e ainda, da população do meio rural, que em geral, sofre acentuadamente os reflexos da pobreza, de acordo com Amartya Sen é “notável o fato de que a privação de liberdade econômica, na forma de pobreza extrema, pode tornar uma presa indefesa na violação de outros tipos de liberdade”. (2004, p.23).

Em função dessa preocupação, a pesquisa se preocupou com fator renda, sem pretender, entretanto, incorrer num erro de generalizações como eram feitas as análises de crescimento, até porque essa é uma renda real, no sentido de que não é uma análise de uma média, com uma amplitude de dados gigantesca, tal como é calculada a renda *per capita* no Brasil, e sim uma visão do próprio público atingido.

A possibilidade de poder fazer escolhas, a ampliação da possibilidade de gerir a sua vida, e viver de um modo mais aproximado do que gostaria, é um avanço sem igual, no desenvolvimento pessoal e social do homem. Dentro do sistema capitalista, no qual a sociedade brasileira está inserida, essas questões estão diretamente relacionadas à condição financeira, aos retornos econômicos dos indivíduos. Não que a renda e/ou o dinheiro sejam desejáveis por si mesmos, mas sim pelas possibilidades que eles dão, ou seja, a utilidade da riqueza está nas coisas que ela nos permite fazer, de tal maneira que a renda tem enorme influência nesse poder de decisão (SEN, 2004).

Contudo, é sabido que as estruturas de serviço público, seja na área de saúde, educação, segurança, são extremamente precárias nos municípios brasileiros, notadamente no município estudado. Para tanto, o fator renda é imprescindível de ser analisado com maior relevo, já que os rendimentos pessoais devem suprir a carência do estado. Não que este aumento da renda tenha gerado uma plena autonomia dos produtores rurais no acesso a colégios particulares, a planos de saúde etc., evidentemente esse aumento da renda não proporcionou toda essa liberdade de escolha, mas retira o pequeno produtor rural daquele limiar da perda de alguns direitos mínimos.

O fortalecimento pelo trabalho em conjunto, o aumento do poder de barganha, a busca de outros mercados, a fuga do monopólio, que expropriava o pequeno produtor. A insegurança do mercado de produtos agrícolas que já é grande, em função da sazonalidade, por participar, em geral, do mercado de concorrência perfeita⁷, da perecibilidade, da dispersão geográfica, da homogeneidade dos produtos, da demanda relativamente inelástica, dos riscos bioclimáticos etc. Levam a uma vulnerabilidade nos preços, aumento das perdas, submissão aos compradores, dependência da natureza (às pragas, ao clima, ao solo etc.), dentre outros problemas que podem ser atenuados com organização e investimento de capital.

Nesse sentido Sen afirma que “a liberdade de entrar em mercados pode ser ela própria uma contribuição importante para o desenvolvimento, independente do que o mecanismo de mercado possa fazer ou não para promover o crescimento econômico ou a industrialização” (2004, p.21). Já que:

A negação de acesso aos mercados de produtos freqüentemente está entre as privações enfrentadas por muitos pequenos agricultores e sofridos produtores sujeitos à organização e restrições tradicionais. A liberdade de participar do intercâmbio econômico tem um papel básico na vida social (idem, p.22).

7.3 Empregos gerados, mantidos e concatenações

O surgimento da associação teve como consequência positiva a geração de empregos. Dos quais não é possível definir com exatidão sua magnitude, entretanto podemos afirmar que foram gerados 31 empregos diretos, são três na parte administrativa, na sede da associação e 28 nos núcleos de recebimento de leite, onde ficam os tanques de granelização.

Cada núcleo requer um funcionário, para receber o leite, manter a limpeza do tanque (que é fundamental para a qualidade do leite) e do seu entorno, já que o produtor rural não pode deixar suas obrigações na propriedade, especialmente no horário próximo da ordenha, que é quando o funcionário do tanque está recebendo o leite.

De acordo com os produtores entrevistados, a grande maioria acredita que a associação gerou empregos, mas prefere não supor o número de empregos gerados. O fato é que a associação gerou empregos para a comunidade e isso pôde ser constatado factualmente.

Inclusive outro aspecto extremamente importante do fortalecimento dos pequenos municípios, das economias locais, das pequenas e médias empresas se dá pelo fato de o potencial de manutenção dos “filhos da terra” permanecer no local, e não contribuírem para o inchaço e muitas vezes a ampliação da marginalidade dos grandes centros urbanos. Para que haja essa manutenção, um aspecto importante a ser observado é a valorização da cultura local

⁷ Ou seja, onde o próprio mercado é quem determina o preço, e não o produtor rural pelos seus custos de produção.

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

ou dos arranjos produtivos locais, valorizar aquilo que a comunidade conhece, sabe fazer, faz parte da sua realidade e da sua história. Nesse sentido a pecuária leiteira sempre fez parte da estrutura agrícola da região de Águas Belas, assim a Associação, além de dar trabalho a alguns jovens das comunidades (para cuidar do tanque de expansão), ela levou a permanência de pequenos produtores no trabalho com o leite e com o campo, como relata um associado:

GERAÇÃO DE EMPREGOS. Acho que sim. Assim, acho que sustentou o meu mesmo, porque talvez se não fosse à associação, não sei se eu tava no ramo de leite mais não. (associado 3)

7.4 Captação de recursos externos e parcerias em geral

Um dos destaques observados na associação é a sua articulação com instituições nesse caso se pode afirmar que a associação tem hoje parcerias institucionais satisfatórias, sólidas, em expansão e ainda com potencial de ampliação não apenas com os parceiros já existentes mas também com novas instituições que estão se interessando em promover parcerias com a associação, tais como: o Banco do Nordeste e a Fundação Bradesco de Garanhuns. Grande parte das parcerias está relacionada às questões produtivas, capacitações, palestras, disponibilidade de insumos (semente, sêmen), de tanques de expansão (que resfriam o leite) etc.

Todos os parceiros, ou seja, instituições que já mantêm vínculo com a associação foram enfáticas em elogiá-la e considerá-la uma exceção no contexto local, mesmo considerando suas incompletudes, erros e dificuldades.

Dentre as parcerias institucionais, uma também considerada importante pela associação é a parceria com o Sebrae. O Sebrae é uma instituição que dá apoio à pequena e micro empresa e há alguns anos atrás passou a incorporar como empresa também as propriedades rurais. O Sebrae se envolveu muito com a pecuária leiteira na região por trabalhar considerando os Arranjos Produtivos Locais – APLs, e pelo fato da região de Garanhuns ter um histórico com a pecuária leiteira e ser um dos grandes pólos de produção e industrialização de produtos lácteos. O Sebrae dá suporte à associação através de uma série de capacitações. Ele também atua na articulação com outras instituições que passaram a ser parceiras da associação, sendo importante na construção de uma teia de parceiros que fortalece o desenvolvimento local.

É válido considerar a importante postura do Sebrae nesse sentido, visto que o fortalecimento local hoje é pautado na articulação dos atores locais, no fortalecimento das instituições, no aumento do capital social e na cultura da cooperação. A cultura da cooperação

em detrimento da competição, pois hoje as ações cooperativas nas instituições e empresas são essenciais para sua manutenção no mercado. Parcerias inflexíveis e individualistas dificultam o fluxo das ações listadas anteriormente, e inibe o desenvolvimento local.

Junto à prefeitura do município de Águas Belas a Associação tem uma boa relação, entretanto sem muitas ações práticas, o trabalho mais efetivo feito em conjunto é a promoção da Festa do Leite feita no município no mês de novembro que tem sido de grande importância para o município e é um trabalho conjunto entre várias instituições como: IPA, Prefeitura, Banco do Brasil, Adagro, dentre outras.

Faz-se importante ressaltar que, apesar de não terem ações práticas rotineiras o apoio político é fundamental para o sucesso de qualquer empreendimento no interior do Brasil, e, especialmente no interior do Nordeste, onde ainda, forças políticas ditam fortemente as forças econômicas e sociais. O apoio político da prefeitura do município, no mínimo permite a expansão da associação, caso contrário, um apoio ao adversário, provavelmente poderia inibir ou até mesmo inviabilizar o crescimento da Associação. O aspecto político não foi alvo da pesquisa, nem pôde ser trabalhado de maneira extensa, mas não poderia deixar de constar nota, já que é um ponto de forte influência econômica na região estudada.

O Banco do Brasil vê na associação um grande potencial de desenvolvimento e uma parceria com ótimos resultados. O que é de muita importância para os associados e remete à existência de confiança e solidez nas contas da associação, já que o Banco é uma instituição financeira e preza pela segurança dos seus rendimentos e das suas parcerias.

A parceria entre a associação e o Banco do Brasil tem permitido atenuar o quadro de inacessibilidade dos pequenos produtores ao crédito rural. Funciona da seguinte maneira, a associação intermedeia a concessão de crédito entre o Banco e os associados. A associação leva ao conhecimento dos associados à existência do crédito, fornece informações sobre os procedimentos e documentos necessários, faz os cadastros na própria associação, reduzindo os custos de transação do banco e facilitando o acesso ao associado. A associação retém um percentual da folha de pagamento (do leite) do associado que garanta a quitação da dívida no prazo devido, dessa forma o produtor não sente muito porque o valor quinzenal é pequeno e para o Banco também é interessante, pois a inadimplência é muito pequena, de acordo com o Gerente do Banco do Brasil da cidade, anteriormente o banco tinha uma inadimplência de 100% no meio rural e na transação realizada com a associação a inadimplência foi de 2%. Essa parceria ocorre de maneira que os três lados ganham: os produtores que têm acesso a crédito e podem melhorar sua produção, a associação, que leva benefício ao seu associado e

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

tem uma maior e melhor produção de leite e o banco, com uma boa adimplência faz o seu papel de emprestar e receber para emprestar novamente.

Outra instituição visitada foi o Projeto Renascer. O mesmo há um tempo atrás, só dava auxílio às associações para construção de banheiros, cisternas e outros auxílios dessa natureza (puramente assistencialista), que são importantes para melhorar a qualidade de vida da população mais carente, mas não melhoram a renda dessa população. Então o programa verificando que sem gerar renda a melhoria das condições de famílias muito carentes é irrelevante, atualmente passou a apoiar projetos produtivos, para gerar renda e qualidade de vida. Como a Associação está localizada num município de baixo IDH e se destacou como agente de desenvolvimento, o Projeto passou a apoiá-la, serão cedidos 11 tanques de expansão aos núcleos produtivos mais carentes.

8 CONCLUSÕES

É possível afirmar que a Associação tem alcançado bons resultados em sua atuação no município de Águas Belas. Alguns dos resultados concretos foram: remunerar melhor o associado, manter produtor rural no campo, representar e defender os interesses dos associados e do setor da pecuária leiteira como um todo junto a instituições públicas e privadas, estimular a melhoria técnica do associado (ainda que haja ajustes a serem feitos nesse sentido), afastamento da ação de intermediários e, tem promovido a articulação de atores sociais importantes para o desenvolvimento dos associados e indiretamente da própria comunidade. Portanto ela cumpre, com êxito (não com perfeição), o que deve ser o objetivo de uma associação, que é representar e defender os interesses dos associados, estimularem a melhoria técnica, profissional e social dos mesmos, com compromisso social e econômico.

Porém deixa a desejar no quesito educação, ainda que existam cursos e palestras, elas não abrangem todos os associados e têm uma função muitas vezes informativa e de instrução (que não deixa de ser importante, mas é incompleta), ao invés de uma educação conscientizadora. Uma organização associativista já tem uma responsabilidade social intrínseca na sua proposta organizacional, tem também um importante papel no desenvolvimento do município.

Se a associação for analisada dentro das três dimensões do desenvolvimento pode-se assumir que:

Economicamente a associação conta, hoje, com resultados econômicos positivos, através da capacidade de usar e articular fatores produtivos locais para gerar oportunidade de

trabalho, renda, fortalece a cadeia produtiva do leite, além de pagar um preço mais justo aos produtores o que leva a um maior número de recursos girando na cidade.

Socialmente e culturalmente a Associação promove (e ainda tem espaço potencial de promover) maior equidade social, através da participação (que precisa ser intensificada) dos cidadãos e cidadãs nas estruturas do poder, tendo como referência a história, os valores, a cultura do território e o respeito pela diversidade. A pecuária leiteira faz parte da vivência da população de Águas Belas, os núcleos produtivos respeitam laços familiares, de amizade e ainda prezam pela diversidade de interesses, de forma que cada núcleo tem suas prioridades diferenciadas e com força de organização. Devido a essa subdivisão em núcleos produtivos, há uma facilidade de coordenação e do conhecimento da diversidade de interesses e necessidades existentes em organizações coletivas maiores.

Político-institucionalmente, através das parcerias e negociações políticas, a associação permite a construção de políticas territoriais negociadas. Contudo, existem falhas na forma democrática de gestão, especialmente pela falta de educação e conscientização cooperativista, dificultando a promoção da conquista e do exercício da cidadania através de uma maior participação dos associados nas assembleias e no envolvimento da associação como um todo.

Apesar de todos os benefícios discutidos e analisados no presente trabalho, é necessário ressaltar a falta essencial da educação junto aos associados para a construção da convergência subjetiva de interesses, ou seja, a construção do pertencimento e de um comprometimento mais solidificado por parte dos associados. Outro aspecto importante a ser considerado é a necessidade de profissionalização da administração da associação, à medida que suas contas, o número de associados, o número de compradores de leite se ampliam, as questões administrativas se complexificam e necessitam de um trabalho mais técnico-profissional.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita – *Globalização e espacialidade: o novo papel do local*. – Nota técnica 04/98 – Instituto de Economia da UFRJ – mimeo Rio de Janeiro – março, 1998.

ALEIXO, Sany Spínola; SILVA, Regina Lucia Paulino; SOUZA, José Gilberto de. As legislações para o setor leiteiro e seus impactos sobre a produção após a abertura comercial In: BARROS, Henrique de; RUBIO, Blanca (orgs). *Globalización y desarrollo rural em América Latina*. Recife, 2ªed., Imprensa Universitária, UFRPE, 2003.

ANDRADE, Márcia Pereira de. *Fatores favoráveis e limitantes ao desenvolvimento da agropecuária do sul de Minas Gerais: uma análise interpretativa*. Lavras: UFLA. Dissertação de Mestrado, 2001.

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA
ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

ARAÚJO, Tânia Balecar. *Herança de diferenciação e futuro de fragmentação*. In: Estudos Avançados. Vol11, jan/abr, num 29,1997.

BANDEIRA, Pedro. *Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional*. Brasília. Texto para discussão elaborado para o projeto 'Novas Formas de Atuação no Desenvolvimento Regional'. (texto para discussão no 630) ISSN 1415-4765. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 1999.

BOFF, Leonardo. *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. Petrópolis: Vozes, 16ª ed.2001.

BUARQUE, Sergio C. *Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável*.Brasília: IICA,1998.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo, Cultrix,1997.

CARVALHO, Eveline Barbosa Silva. Estímulo à estratégia cooperativa como condição para o desenvolvimento local. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 31, n.3 p. 384-395, jul – set.2000.

CASAROTTO FILHO, Nelson & PIRES, Luis Henrique. *Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local*. 2ªed. São Paulo: Atlas, 2001.

CERQUEIRA, Antônio. *Cadeia produtiva do leite de Pernambuco: configuração, análise e avaliação das estratégias competitivas associadas aos segmentos de transformação e distribuição*. Recife: UFRPE (Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Federal Rural de Pernambuco), 1998.

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. disponível em: <<http://www.cnpqgl.embrapa.br/sistema/semiarido/importancia.html>>. Acesso em: 10 dez. 2004.

FONSECA, Carlos Henrique Trindade. Associativismo e cooperativismo e seu papel no resfriamento e transporte a granel, do leite produzido em estabelecimentos de baixo volume de produção.In: BRESSAN, M.; MARTINS, C.E.; VILELA, D.(editores). *Sustentabilidade da pecuária de leite no Brasil*.Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, Goiânia: CNPq/Serrana Nutrição Animal, 2000.

GARCIA, Carlos. *O que é o Nordeste brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, (coleção Primeiros Passos), 1984.

GOMES, A. T.; LEITE, J. . B.; CARNEIRO, A. V. (ed) *O agronegócio do leite no Brasil*. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite. 2001.

FROEHLICH, José Marcos. O “local” na atribuição de sentido ao desenvolvimento *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. Curitiba, n.94, maio/dez., p. 87-96.1998 disponível em:< http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR/94/jose_marcos.pdf> Acesso em 02/11/2006.

JARA, Carlos Julio. *A sustentabilidade do desenvolvimento local: desafios de um processo em construção*. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA); Recife: Secretaria do Planejamento do Estado de Pernambuco- Seplan, 1998.

LLORENS, Francisco Albuquerque. *Desenvolvimento econômico local: caminhos e desafios para a construção de uma nova agenda política*. Rio de Janeiro: BNDES, 2001.

MARTINELLI, Dante Pinheiro; JOYAL, André. *Desenvolvimento local e o papel das pequenas e médias empresas*. Barueri/SP: Malone, 2004.

MILANI, Carlos. Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). In: Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia – EAUFBA – *Organização e Sociedade*. (V11, Edição Especial), Salvador 2004.

MONETA, Carlos. – *Identidad y políticas culturales en procesos de globalización e integración regional*. Sesión y trabajo “cultura y desarrollo”. III Encuentro de Estudios Prospectivos “Los Escenários de América Latina y el Caribe en el Horizonte 2020” – Rio de Janeiro – mimeo – 20 a 22 de setembro de 1999.

PIRES, Maria Luiza (org). *Cenários e tendências do cooperativismo brasileiro*. Recife, Unircoop – Américas, 2004.

PRONAF – PROGRAMA NACIONAL DE AGRICULTURA FAMILIAR. Disponível em: http://www.pronaf.gov.br/textos_e_estudos/pmdr.htm acesso em: 19/01/2005.

PUTNAM, R. D. *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RIOS, Gilvando Sá Leitão. *Cooperativas agrícolas no Nordeste brasileiro e mudança social*. João Pessoa: UFPB. 1979.

_____. *O que é cooperativismo*. São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos), 1989.

SAHA, Sujarati. *Planejamento regional no contexto da globalização: construindo uma nova agenda para os anos noventa e anos seguintes*. Paper apresentado no WORKSHOP SOBRE O PLANEJAMENTO REGIONAL – SUDENE/UFPE/SEPLAN- PE- Recife, 1998.

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS PEQUENAS E MICRO EMPRESAS – *Pecuária de leite em Pernambuco: diagnósticos e proposições de políticas*. Recife: Sebrae, 1996.

SEBRAE & SESCOOP – PE - Serviço Nacional de Aprendizado do Cooperativismo – *Estudo do perfil socioeconômico e gerencial das cooperativas de Pernambuco*. Recife: Sebrae, 2004.

SEBRAE. *Cadeia produtiva do leite em Pernambuco*. Recife: Sebrae, 2002.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. 4ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ASSOCIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO DE CASO NA
ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE DE ÁGUAS BELAS/PE

SILVA, Antônio Fernando Teixeira da. *Coordenação e estrutura de governança do sistema agroindustrial do leite no agreste de Pernambuco*. Dissertação de Mestrado. Área: Administração e Comunicação Rural. Recife: UFRPE, 2001.

SILVA, Marinalda da. *Desenvolvimento sustentável local: a contribuição do agente de desenvolvimento do Banco do Nordeste no Estado do Ceará*. Porto Alegre, 1999, Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (área Administração - PPGA).

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1990.

VEIGA, José Eduardo Rodrigues. *Associar-se ou chorar o leite derramado*. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=1617>. Acesso: 06 jun. 2005.

VILELA, D.; BRESSAN, M.; CUNHA, A. S. (ed.) *Restrições técnicas, econômicas e institucionais ao desenvolvimento da cadeia produtiva do leite no Brasil*. Juiz de Fora: EMBRAPA – CNPGL, 1999.